

O ENSAIO

ESCRITORIO DA REDACÇÃO
PATEO DO PARAIZO
N. 26 1º ANDAR.

PERIODICO SCIENTIFICO E LITTERARIO

PUBLICA-SE DUAS VEZES
POR MEZ A RAZÃO
DE 500 RÉIS.



*De Deus é maldição a ignorancia,
Nas azas da instrucção ao céu subimos.*

(W. SHAKSPEARE.)

Redactores — Oliveira Escorel e Henrique Capitolino

O ENSAIO

RECIFE, 31 DE JULHO DE 1876.

Correm os tempos e quasi quatro seculos não bastam para a lucta da luz contra as trevas!

Quando o Brasil, no verdor dos annos, soltando o brado de victoria, desprende-se do jugo da Hollanda, julgou ser livre e armar a tenda em que devia fluctuar o pavilhão do progresso.

Quando em 1822, desde o Amazonas ao Prata, soou o brado de sua emancipação politica, dizia-se: o Brasil vai inscrever seu nome no mappa das nações mais cultas, vai prosperar.

Correram os tempos e hoje ante o quadro desolador, gritam: liberdade e virá a nossa felicidade.

Apontam para os Estados-Unidos, indicando a lição que devemos tomar, e não se lembram que a mudança d'um governo não é a mudança d'um ministerio, que do alicerce depende a segurança do edificio.

Falla a imprensa, agitam-se as multidões e em resultado, — palavras —.

Mostram o lugar em que devemos estacionar, e não o caminho que conduz a elle.

E' que entendem por liberdade, licença, que da mera mudança d'um governo vem a felicidade d'um povo.

Não; o povo não deve contar com o favor do governo para ser soberano. Seja qual fór a sua forma, a sua attitudo deve ser altiva. Nisto consiste a sua nobreza.

Quando os Estados-Unidos proclamaram a sua liberdade, os preparativos estavam feitos, o alicerce do edificio era seguro, de modo que não soffresse em sua nova phase de vida as

torturas da antiga, tendo só por novo o nome do governo.

Quando um povo se entrega á inercia, sepultando sua propria dignidade, seja qual fór a fórma de governo, tudo tende ao definhamento.

A iniciativa do governo nada vale quando não é estimulada pela do povo.

No Brasil, principalmente onde a riqueza está no solo, o trabalho é a sua salvação.

Não se queira levantar um edificio sem alicerce, porque mais tarde é certo o seu desmoronamento e a sua queda fatal aos seus obreiros.

Estas revoluções que de vez em quando se operam nos destinos d'um povo, não trazem seu engrandecimento, servem para enfraquecel-o e mais depressa sepultal-o no abysmo.

Se um povo soffrendo o mais ferrenho ostracismo, deseja a sua regeneração, querendo que a *justiça* seja distribuida tanto ao grande, como ao pequeno, deve envidar todos os esforços em seus preparativos, de maneira que, içado o seu pavilhão uma vez, não mais seja arreado para dar lugar a outro que faça voltar o antigo estado.

Se as revoluções muitas vezes levam o facto do engrandecimento ao povo; se dellas dependem a sua prosperidade; outras vezes trazem o seu abatimento para não mais levantar-se.

E eis porque a causa das revoluções deve ser estudada.

Lamartine, estudando o character das revoluções de 1789 e 1848 na França, diz: «Se as revoluções são os resultados d'uma ambição individual ou nacional, d'uma sêde de conquista ou de sangue, d'uma personalidade etc., taes revoluções são preludios da deca-

dencia e symptoma de dissolução e morte na raça humana. Se porém são consequencia d'uma idéa moral, d'uma aspiração, embora surda e cega, mas tendente a qualquer melhora de governo ou de sociedade, taes revoluções attestam uma seve, um vigor, uma vida, que promettem longos e gloriosos periodos de augmento para as raças. »

O ultimo caracter das revoluções, que apresenta o illustre escriptor, tem tido todas as que tem se operado no Brasil, porém que não deixaram senão os nomes de homens sacrificados por amor á patria, e que não nasceram para chorar as ruinas della, sem dar-lhe a ultima gotta de sangue em prol da sua salvação.

Tudo que é effeito da precipitação baqueia, como baqueiaram as revoluções no Brasil e em outros paizes.

Estudar o terreno em que se deve plantar a semente, é o que compete a quem quer colher bom fructo.

Nada de desvarios na senda que trilha o povo que deseja o seu melhoramento, e um dia chegará a grandeza para não mais vir a miseria.

Trabalhe o povo e—a posteridade fará justiça—.

N.

O Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira e suas obras litterarias.

(CONCLUSÃO.)

Entretanto elle não desanimava !

Ao indifferentismo com que os seus patrios o acolhiam, respondia com a sua incansavel actividade, sempre de penna em punho, já escrevendo bellos artigos de politica doutrinaria, já enriquecendo com o seu contingente valioso e constante, a tão pouco apreciada litteratura pernambucana. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Referimo-nos aos escriptores da *Historia da litteratura brasileira*, para os quaes a litteratura pernambucana, pouco ou nada val.

O Sr. cônego Pinheiro, cujo intento era amesquinhar tanto as nossas glorias historicas como litterarias, em sua *Historia litteraria*, julgou de pouca importancia os 3 volumes de biographias do commendador Antonio Joaquim de Mello, deste soberbo pantheon, onde se acham depositados os primeiros ensaios da nossa litteratura.

Alguns delles nem ao menos se lembram

No primeiro numero do *Oriente*, jornal publicado em 1866 nesta cidade, deparamos com um artigo d'elle intitulado—*Incentivo ás letras patrias*—em que faz um ligeiro historiado dos costumes dos indios, de sua poesia e dos muitos episodios que a nossa historia fornece para serem cantados pelos poetas brasileiros.

O illustre litterato teve em vista neste artigo convidar os nossos poetas a cantarem os assumptos nacionaes, formando assim uma litteratura essencialmente brasileira.

Ainda neste mesmo jornal, acha-se no n. 6 um artigo d'elle sobre—*A escola coimbrã*.—

Na *Opinião Nacional* de 7 de Julho de 1869, publicando uma Elegia de Natividade Saldanha, escreve sobre este distincto poeta um bello *juizo critico*. ⁽²⁾

Publicou tambem em folheto—*Uma saudação poetica ao insigne actor Germano Francisco de Oliveira*.—

Por falta de espaço deixamos de enumerar todas as suas poesias e discursos scientificos e litterarios que se acham disseminados aqui e alli em todos os jornaes de seu tempo.

Aguardamos a publicação de todas as suas obras que algum dia se ha de fazer !

Entretanto consintam-nos transcrever aqui parte de uma poesia por elle recitada na sessão magna do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, no dia 27 de Janeiro de 1863, anniversario da restauração de Pernambuco do poder da soberba Hollanda.

Em sua imaginação se desenha a batalha dos Guararapes, e elle exclama :

. Memorandos feitos,
Que o rolar das idades vai levando
A's gerações porvir, messe fecunda,
De amplas inspirações a quem se préza
De ser pernambucano, a quem se ufana
De se mostrar em tudo brasileiro,

do nosso Bento Teixeira Pinto, o primeiro brasileiro que cultivou a poesia !

Mas o que querem ? nasceu em Pernambuco, é o quanto basta para ser esquecido !

Infelizes pernambucanos ! Sempre caluniados, sempre insultados ! Se são martyres, chamam-lhes de—*ordinarios* e até de *despreziveis*—; se são litteratos occultam-lhes o nome, e se o mencionam é para acoimal-os de *talentos mediocres* e até *sem importancia* !

⁽²⁾ Este escripto se acha na pagina 198 das obras de Saldanha, colleccionadas pelo Dr. José Augusto Ferreira da Costa e publicadas o anno passado.

Alli fallam mui alto ; e o brado estende-se
 Como um pregão solemne, e se dilata
 Por toda Europa, no seu gyro eterno.
 Que sublime inscripção !... Heroes mais dignos
 Onde os houve jamais ? Que valem Grecia,
 E Roma altiva, e a intrepida Carthago,
 Com seus Cimons, seus graves Leonidas,
 Com seus caros Themistocles famosos,
 Com seus liberaes Regulos, Fabricios,
 Metellos e Pompeus, com seus illustres
 Annibal, Scipião ? Nenhum excede
 Barreto, o forte, o inclyto Vieira,
 Negreiros sem igual, e esse que a morte
 Pouco antes ceifára, o tão distincto
 E bravo Camarão, e aquelle ousado
 Magnanimo Henrique...

Seu estro tão simples e delicado para cantar
 as doçuras da religião, os attrativos da belle-
 za, os encantos do amor, a santidade da vir-
 tude e da innocencia, torna-se altivo e arro-
 jado quando canta as glorias de sua provincia
 natal. Guararapes, este soberbo monumento
 predestinado a transmittir ás gerações futu-
 ras a gloriosa e immorredoura fama de Vieira,
 Negreiros, Camarão, Henrique Dias e de
 tantos outros que não duvidaram derramar
 seu sangue em prol da liberdade, magestoso
 se estampou na mente do poeta que o cantou
 inspirado pelo seu genio allivo e patriótico !...

Taes foram as obras que o mavioso poeta
 Torres Bandeira deixou publicadas.

* *

Além destas existem delle muitas produc-
 ções ineditas !

Já tinha colleccionado em um volume di-
 versas poesias que, segundo nos consta, in-
 titulára—*Fructos sem flores*—e que tratava
 de publicar, quando a parca cruel lhe cortou
 o fio de sua preciosa existencia.

Estas e outras produções delle se acham
 na mão do nosso illustre mestre o Sr. Dr.
 Aprigio Guimarães.

E' muito para sentir que não estejam ainda
 publicadas, todavia estamos bem certos, que
 se o Sr. Dr. Aprigio ainda não o fez, não é
 porque lhe falte vontade, tem-na de sobra ;
 mas porque vê surgir de todos os lados o es-
 pectro da indifferença suffocando as mais gran-
 dias aspirações, destruindo os mais nobres
 commetimentos !

Indifferença em tudo e por tudo, tal é o
 estado de Pernambuco. ⁽³⁾

⁽³⁾ As obras de Natividade Saldanha, deste
 Pindaro brasileiro não tiveram extracção !

Ha ainda do Dr. Torres Bandeira uma col-
 lecção de sonetos e outras poesias satyricas,
 feitas á um nosso diplomata e que nos foi con-
 fiada pela sua esposa.

Cremos que ella não se acha entre as
 obras que delle possui o Sr. Dr. Aprigio, visto
 ser achada ultimamente entre os alfarrabios
 do auctor.

Ainda possuímos delle um bello trabalho
 acerca da *Geographia antiga*, materia que
 leccionou no Gymnasio Pernambucano.

Apezar do máo estado do manuscrito, cu-
 jas lettras algum tanto apagadas difficilmente
 se entendem, e cujas folhas em parte separa-
 das e misturadas convertiam o escripto em
 um rolo de papeis velhos ; todavia podemos
 a custa de algum trabalho colleccional-o.

Não podendo publical-o no nosso periodico,
 visto o seu tamanho e as poucas vezes que
 sahe por mez, resolvemos fazel-o no *Diario
 de Pernambuco*, esperando prestar assim um
 serviço á instrucção publica, como tambem
 salvar o manuscrito das traças e dos rigores
 do tempo, que já ameaçam apagar de todo suas
 lettras.

Com o auxilio de uma nota do auctor que
 encontramos escripta a lapis em uma das fo-
 lhas da obra, colleccionamol-a do modo se-
 guinte :

PRELIMINARES.—1.º cap. *Primeiros pro-
 gressos da geographia*.—2.º cap. *Descrip-
 ção summaria das regiões conhecidas pe-
 los antigos. Geographia dos Hebreus*.—
 3.º cap. *Geographia da época denominada
 grega*.—4.º cap. *Geographia da época latina*.
 PARTES DO MUNDO.—*Europa, Asia e Africa*.

Sentimos dizer que esta obra se acha in-
 completa.

De cada uma das tres partes do mundo
 então conhecidas dá o Dr. Torres Bandeira
 umas noções geraes e depois desce ás parti-
 cularidades ; todavia da Europa apenas deu
 as geraes faltando as particulares.

Não sabemos se deixou incompleta ou se
 ter-se-hia perdido esta parte.....

O Dr. Torres Bandeira, amante como era
 da religião, da patria e da liberdade, não o era
 menos da familia !

Casado duas vezes, dedicava ás suas consor-
 tes e filhos o verdadeiro amor do esposo e pai.

Sua ultima consorte, a Exm.ª Sra. D. Maria
 da Penha Pimentel de Torres Bandeira, á
 quem deixara uma linda filhinha que serve

Bem poucos exemplares se venderam ! Por
 ahí pode-se aquilatar o estado de indifferença a
 litteraria que nos domina !...

hoje de consolo e allivio a vida saudosa da viuvez, possui um album dedicado por elle nos preciosos dias de sua existencia!

Nelle acham-se escriptas 42 poesias a que intitulou—*Livro d'alma*—.

E de facto cada uma dellas é uma mimosa flor de su'alma apaixonada, é um canto simples e singello do seu terno coração.

E' a alma leal e sincero do esposo a se reflectir com as mais bellas côres sobre o papel, qual imagem elegante á flor do placido e chrystalino arroio!

São gottas ardentes de seu coração vasadas uma á uma nas paginas douradas do livro, são fragancias exhaladas de seu peito apaixonado!

Elle cantou á sua companheira, como Camões á Catharina, Tasso á Leonor, Dante á Beatriz, Petrarca á Laura e o nosso Dirceu á Marília!

Se seus cantos não igualam aos de Camões, Tasso, Dante e Petrarca, todavia assemelham-se com os de Gonzaga, quanto a melodia, singelleza e simplicidade!

Pobre poeta! Que encantos não sentia quando passava para o papel essas pequenas particulas do seu coração?! Que linitivo não experimentava nesses momentos, os mais felizes por certo, de sua vida?!

O lar domestico era as vezes o unico oasis que encontrava neste deserto *habitado*!

E de facto a vida publica do pobre poeta, passou-se toda entre os dissabores e contrariedades que soffre o homem honrado!

Não podendo sujeitar-se a vender sua personalidade aos caprichos dos potentados da terra, permaneceu na pobreza, porém sempre honrado!

Seu semblante mostrava-se sempre anuviado pelo véo da tristeza, sentia e sentia muito a sua pobreza, não por si, mas pelo futuro de seus queridos filhinhos. E quando no lar domestico, ao lado de sua esposa idolatrada, meditava no futuro, contemplando seus filhinhos que brincavam descuidosos, ah! então sua dôr era grande, era immensa! Que a avalie o pai estremo!

A' sua esposa que interrogava-lhe sobre o motivo de sua tristeza apenas respondia:

Sinto-me com azas, mas para voar necessito de uma mão protectora e não n'a tenho!

Era o genio se reconhecendo com forças, e o homem recuando á venda de sua personalidade, isto é, de sua honra e reputação!... Sempre a desgraça ao lado do genio!

Mas mesmo assim elle dizia:

Ao ignorante opulento
Que vive na corrupção,
Prefiro Hugo exilado,
Homero esmolando pão.

Tal era o homem de character integro, e o litterato illustre que nasceu e viveu quasi esquecido nesta provincia, onde tantas mediocridades tem subido e se elevado!

E' que em nossa terra infelizmente a protecção val mais do que o talento, do que o merito real!

Como diz o Sr. Torres Homem, « parece que a Providencia faz soffrer todos os poetas de genio, afim que instrua os outros homens com a sublime melodia dos seus gemidos: as creaturas mediocres soffrem menos, porque seus queixumes não tem harmonia, e são um desaccordo de mais entre os sons confusos do mundo moral. »

Camões, o rei da litteratura portugueza, depois de longos soffrimentos, acabou seus dias no leito d'um hospital; Homero a troco de uma esmoia recitava os versos da sua *Ilyada* e *Odisséa*; Milton para não morrer a fome vendeu por 5 libras esterlinas a sua monumental obra—*Paraizo Perdido*—; Tasso morreu aferrolhado em um carcere como louco; Chatterton esgotou a taça de veneno; Garção terminou nas masmorras; Claudio, o complicado na revolução de Minas, suicidou-se; Antonio José foi devorado pelas chamas, e tantos...

« Fado do vate! rigoroso fado! »

Torres Bandeira tambem alistou-se nesta fileira de martyres!

Depois de uma vida de soffrimentos e contrariedades, ei-lo que morre!

Poder-se-ha dizer que a materia succumbio ás lutas constantes do espirito!

Legou porém ás letras patrias muitas obras meritorias, e á sua familia, á sua idolatrada esposa, á seus queridos filhinhos, a pobreza e um nome honrado!

Eis o legado daquelle que nunca soube vender aos partidos a sua reputação e honra!

Bem poucas vezes a virtude é laureada n'este mundo, porém é certo que sempre o será no outro!

Ainda agora elle permanece sepultado nos limbos do esquecimento!

Que a posteridade tribute a homenagem devida ao seu merito!...

H. C.

HISTORIA PATRIA.

Esboço Historico da Provincia de Pernambuco

POR

H. C.

PARTE PRIMEIRA

CAPITULO VIII

Morte de Duarte Coelho, primeiro donatário de Pernambuco.—Regencia de sua mulher D. Brites de Albuquerque.

(Continuação)

A capitania de Pernambuco entregue á regencia de uma mulher, cujas forças, em razão de seu sexo, eram debeis para arcar com tão grandes difficuldades, correu sérios perigos. Entretanto ella não esmoreceu; pelo contrario redobrou em actividade, e reunindo em conselho as autoridades da capitania, fez patente os perigos e embarços com que luctava e consultou-as sobre os meios de remedia-los.

Deliberaram neste conselho que se devia nomear um chefe para o commando da força armada.

Fernandes Gama diz que tóra nomeado para este fim Jeronymo de Albuquerque, filho do Jeronymo de Albuquerque ⁽¹⁾ e da india *Arco-Verde*, todavia elle não o affirma.

Em uma nota diz que o Sr. Beauchamp dá, como chefe eleito, ao filho do donatario fallecido, porém attendendo que os seus dous filhos estavam em Portugal, d'onde só voltaram em 1560, e attendendo tambem que Jeronymo de Albuquerque era o unico joven que existia neste tempo na capitania, capaz de tal honra, julga que sobre elle recaiho a nomeação. Todavia isto não passa de probabilidade, a evidencia não existe.....

Jeronymo de Albuquerque á frente dos pernambucanos, seus patricios, dos portuguezes e indios alliados, debellou o perigo, repellindo de novo para o centro esta tribu de leões.

(1) Este Jeronymo de Albuquerque, como já dissemos em um capitulo passado e como se depreheende de seu proprio testamento, é irmão de D. Brites de Albuquerque e não de Duarte Coelho, como diz o Sr. Pereira da Silva em sua obra — *Varões illustres do Brasil*.

Foi grande a mortandade dos Cahetés, mas não ficou nisto o castigo de seus crimes, até certo ponto bem justificaveis, pois que elles defendiam a sua liberdade, e a terra que lhes pertencia por direito de nascimento e de occupação anterior, excedeu até, como diz o mesmo escriptor ha pouco citado, os limites da justiça.

E de facto por edicto regio foram condemnados todos os Cahetés á escravidão perpetua.

Sentença iniqua em si, e ainda mais tyrannica se considerarmos que este facto dado em 1557 deu lugar a que desde então para escravisar-se um indio não fosse nada mais necessario, do que dizer-se que elle era Caheté ou seu descendente.

Triste sorte a dos vencidos!

As noticias do estado de Pernambuco tendo tomado vulto em Lisboa, a rainha D. Catharina, que governava Portugal na menoridade de seu filho D. Sebastião, ordenou a Duarte de Albuquerque Coelho, que ainda lá se achava estudando, que embarcasse para Pernambuco, onde chegou em 1560, acompanhado de seu irmão Jorge de Albuquerque Coelho e de muitas familias que vinham habitar em Pernambuco.

Neste mesmo anno tomou sobre si o governo da capitania que estava confiado á sua mãe desde a morte de seu pai, isto é, de 1554 á 1560.

(Continúa).

O BARQUEIRO DO TIBRE

ROMANCE HISTORICO VERTIDO DO ORIGINAL ITALIANO DE ANTONIETTA KLITISCHE DE LA GRANGE, E OFFERECIDO Á ILLUSTRE REDACÇÃO DESTE PERIODICO.

PARTE I

CAPITULO IV

O DESAPARECIMENTO

(Continuação)

Valeria lia no coração do seu irmão, e temia que com tão incivil recusa se affrontasse o bom pygmeu; tomou a toda a pressa a bolsa e, sorrindo e chorando simultaneamente, assim expriniou-se:

— Muito agradecida, Milo, pela memo-

ria de minha mãe, aceito a tua generosa offerta.

Marcello bateu no chão com raiva, mordeu os labios; mas nada disse. O pygmeu, cheio de reconhecimento, beijou a candida mão de Valeria.

Naquella mesma tarde os dous jovens, entre lagrimas, abandonaram a sua sumptuosa habitação, passando-se á uma mesquinha cazinha situada em uma das ruas mais excusas de Roma; a excepção das joias de Valeria, nada comsigo conduziram; depois Marcello escreveu a Decio algumas linhas, com as quaes lhe annunciava a sua partida para a Dalmacia, pedindo-lhe ao mesmo tempo que avisasse aos seus credores, afim de que elles se assenhoreassem dos escravos e vendessem a casa para serem pagos. O orgulho obrigava-o á usar deste subterfugio e a arredar-se do unico amigo prudente e fiel, cujos conselhos talvez podessem induzir-o ao bem.

Milo foi incumbido de levar á Decio essa noticia; aquella mesma noite seguiu em direcção de sua habitação; alli chegando, collocou a carta debaixo da porta, e voltou.

Ao ler o escripto, que tão mysteriosamente encontrava, Decio não acreditou nos proprios olhos; a subita partida de Marcello e Valeria lhe parecia impossivel, e motivava-lhe uma cruel angustia.

Alta noite, o bom Decio dirigio-se á sua camara e deitou-se; mas em vão, porque, apenas se accommodava, erguia-se afim de novamente passeiar. Finalmente não podendo conter a agitação, que o dominava, ao despontar do dia achou-se em frente da casa de Marcello; mas não quiz entrar; e, parando no vestibulo, a sua imaginação lhe fez ouvir o mesto som da cithara de Valeria. Vencido por tão cruel emoção, abandonou aquella lugar para ir ter á casa de Jeronymo; e com effeito, pouco tempo depoisahi chegára; e, seguindo o santo doutor, que lhe abria a porta, penetrára em uma pequena camara.

Uma mesa de pedra, sobre que estavam muitos pergaminhos, uma cruz de madeira preta, uma caveira e uma lampada, vio-se no centro da camarazinha, a qual não tinha outra mobilia além de dous escabellos de marmore e uma caminha estreita e baixa com uma grossa coberta de lã. Entre to-

das as camaras, que a velha Marcella pozéra á sua disposição, Jeronymo havia escolhido esta, que tinha a apparencia da cella de um anachoreta da Thebaida.

Ahi chegando, Decio ajoelhou-se; Jeronymo, collocando-lhe a mão sobre os cabellos, abençoou-o, e, depois de contemplal-o attentamente, assim se exprimio:

— Filho, tens alguma cousa, que te incommode?

— Sim, padre; Marcello, o meu amigo, aquelle que com o auxilio teu eu esperava fazer voltar ao caminho do bem, partio sem apertar-me a mão, sem despedir-se de mim; lê....

— Aquelle joven é um ingrato, disse Jeronymo, após a leitura do bilhete de Marcello; e accrescentou: Eu sou homem e posso enganar-me, mas o coração me diz que o teu amigo mentio ao traçar estas linhas; a mão da desgraça pesou sobre a cabeça daquelle infeliz, quicá; mas, o que podes tu fazer contra a vontade do Eterno, cujos designios são abysmos insondaveis?

— Hei de seguir-lhe a pista! exclamou Decio com vivacidade.

A vista severa e escrutadora de Jeronymo se fixou na do joven patricio; dir-se-hia que tentava ler-lhe no coração; depois, abalando a cabeça, replicou com voz pausada e grave:

— Sim, procura aquella joven que escandalisava os christãos com o seu pallido semblante, muito pallido para ser humano, e que realisava a memoria dos idolos de marmore; procura aquella que se fazia admirar pelas roupagens esplendorosas, que fazia fallar de seus opiparos banquetes, dos quaes entretanto não cabia siquer uma migalha de pão ao pobre que se postava á porta de sua vivenda. Sim, procura-a, mas no intuito de fazel-a erguer os olhos ao Senhor, e arrependida augmentar o numero das virgens, que são a gloria da igreja de Christo,

— Tal é o meu desejo, outro por certo não tenho; Deus, que lê no intimo de minh'alma, sabe quão puros são os meus sentimentos; respondeu Decio com manifesta tristeza.

— Eu t'ó creio, filho, disse Jeronymo; mas sozinho não te será possivel descobrir-o. Vai, pois, ter com a piedosa As-

cella, e dize-lhe em meu nome que contigo se una afim de procurar os teus amigos ; ella tem muita sciencia e experiencia do mundo, e talvez possa te ser util com os seus conselhos. Vai, que Deus te guia e te illumina.

(Continúa).

Tu e eu.

À MINHA AMIGA D. PAULA ARGENTINA C. DE A.

Tu és de Homero a mais linda
E sublime inspiração ;
Eu sou da lousa do pobre
A triste e curia inscripção.

Tu és colibry dourado,
De azas leves, azues ;
Eu sou a ave agourenta
Pousada ao braço da cruz.

És a palmeira elegante,
Se embalando docemente ;
Eu sou o arbusto partido
Pela raiva da torrente.

És regato crystalino,
Entre flores serpeando ;
Eu sou o mar em tormenta,
Medonhos seios cavando.

És a voz da Philomella,
Modulando hymnos de amor ;
Eu sou o ultimo harpejo
Da lyra do trovador.

És nos labios da eriança,
Constante e puro sorrir ;
Eu sou da face do triste
Amargo pranto a cahir.

Tu és a esperança, a crença,
És a existencia entre flores ;
Eu sou a idéa da morte
Com seu cortejo de horrores.

A. Alexandrina.

Poesia inedita.

MOTE

Parto, vou, não parto, fico,
Ficar não posso, pois parto,
Se parto, sem alma fico,
Se fico, sem alma parto.

GLOSA

Neste solemne momento,
Em que me devo ausentar,
Não sei como supportar
Da saudade o sentimento :
A tão triste pensamento
De todo agora me applico,
Por elle me mortifico,
E, em tão dura collisão,
Deixando o meu coração,
Parto, vou, não parto, fico.

Estou certo que o presente,
Que deixo ao meu bem amado,
Há de ser apreciado
Por ella, estando eu ausente :
Dando-lhe um peito que sente,
Eu me divido e reparto ;
Dou-lhe um thesouro que é farto
D'eterno amor singular :
Deixando um meu exemplar,
Ficar não posso, pois parto.

Mas já sei que é impossivel
Tão longa separação,
Como pôde um coração
Partir-se, sendo sensivel ? !
Um thesouro inexaurivel,
O mais completo, o mais rico,
O maior que eu qualifico,
E' essa mulher sem par :
Não a podendo levar,
Se parto, sem alma fico.

Mas que disse ?... bate a hora
Do meu destino impiedoso :
E' preceito rigoroso,
Devo partir, ir-me embora :
A minha sorte peiora,
Se de meu bem eu m'aparto,
Com ellê não me reparto,
Quero ficar todo inteiro,
E, pois que devo ir primeiro,
Se fico, sem alma parto.

A. R. de Torres Bandeira.

Uma lembrança.

(POESIA INEDITA.)

Ausente para sempre dos teus olhos,
Atravez dos espaços e dos mares,
Longe da patria, longe dos amigos,
Pisando incerto sobre estranhos lares ;

Cego, perdido sobre o mar da vida,
Por noite escura condemnado á sorte...
Louco — arrojado ás tempestades d'alma,
Victima sempre dos tufões da morte ;

Já sem crenças em Deus, nem esperança,
Tendo n'alma um deserto á luz vedado,
Apartado do céu, do sol, das flores,
Sempre em ondas de lagrimas banhado:

Mesmo assim, cá do fundo deste abysmo
Onde vago, meu anjo, á sós errante;
Lembro-me inda saudoso de tu'alma,
E inspiro-me na luz de teu semblante!

Côrte, 11 de Março — 76.

Pelino Guedes.

(**François Coppée.**)

Fica assim... Estás cansada...
Quero ver, ardendo em zelos,
Como pousa a tua fronte
No ouro dos teus cabellos.

Não falles... O que dirias
Da ventura que me deste,
Que valesse o teu sorriso,
E os votos que tu fizeste?

Sob os teus cillios formosos,
O' moça encantada e linda,
Como se guarda um perfume,
Guarda o extase, que finda.

Que eu n'um coxim assentado,
Durante o teu doce enleio,
Verei succeder a calma
A' procella do teu seio.

J. B. Regueira Costa.

Queres ?

A' H. C. DOS SANTOS.

Basta-me um gesto, um aceno
Uma só phrase e verás
Minh'alma presa em teus labios
Como de amor se desfaz.

(G. DIAS.)

Queres que eu morra d'amores
A' pedir um teu sorriso?
Queres que eu a teus pés
Vá da terra ao paraizo?

Queres, anjo, o meu soffrer
Por um só de teus olhares?
Por um só gesto dos teus
Quererás os meus pezões?

Queres me ver humilhado
Curvar-me ao aceno teu?
Volve teus olhos tão lindos,
Faze-me ir da terra ao céu.

Dá-me um sorriso divino
Dos que sahem dos labios teus,
Eu morrerei á teus pés,
Eu irei da terra aos céus.

Volve, volve um só olhar,
Destes que fazem matar,
Dos que deitaste na hora
Em que me fizeste amar.

Serei sempre teu escravo,
E viverei de te amar,
Se me dás um teu sorriso,
Se me deitas teu olhar.

Ver-me-has viver contente
Com teu amor, venturoso,
Se desprendes de teus labios
Um teu sorrir amoroso.

Recife, Julho de 1876.

F. I. T.

Revista.

Ensaio. — Terminando o nosso periodico com este numero o seu primeiro trimestre deste anno, rogamos aos assignantes atrasados em seus pagamentos, que venham quanto antes satisfazer-os, afim de que possamos proseguir na empreza que com tanta difficuldade sustentamos.

Romeiro das Lettras. — E' o titulo de um novo periodico, cujo primeiro numero nos foi offerecido. Desejando ao novo collega prosperidade na senda que vai trilhar, enviamos-lhe os nossos emboras.

Ordem. — Fomos obsequiados com tres numeros deste periodico noticioso, critico e litterario, que se publica na cidade do Aracajú. E' seu proprietario o Sr. João Belisario Junqueira.

Crença. — Recebemos dous numeros deste periodico litterario, critico e noticiador, que começou a publicar-se este anno na capital da Parahyba, como órgão da sociedade *Liga Escholastica Parahybana*. Esperando que o collega cumpra dignamente o programma que traçou, como o vai fazendo, damos-lhe os nossos sinceros parabens.

* *

Continuamos a receber: a *Estréa, Lucta, Idéa Conservadora, Liberal Victoriense, Victoriense, Constitucional, Consciencia e Catholico*. Agradecemos a offerta.

TYP. DE M. FIGUEIRÓA DE F. & FILHOS